Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Entre desencantamento e o reencantamento: masculinidades negras, afeto e produção de conhecimento no rap de Baco Exu do Blues[1]

Between disenchantment and re-enchantment: Black masculinities, affection, and knowledge production in the rap of Baco Exu do Blues

Adilson Santana
Cláudio Paiva

Palavras-chave: Hipermidiatização; Masculinidades Negras; Rap.

1 Introdução

A presente pesquisa insere-se no campo dos estudos culturais e comunicacionais, adotando uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e interpretativo. O foco está em compreender como o rap, especialmente por meio do álbum Quantas Vezes Você Já Foi Amado? (QVVJFA) de Baco Exu do Blues, possibilita a ressignificação das narrativas em torno do homem negro brasileiro, com ênfase nos debates sobre masculinidades e afetividade, tendo como objetivo principal responder como o rap, em

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

contexto de hipermidiatização, tensiona representações historicamente cristalizadas sobre o homem negro.

O álbum *QVVJFA* configura-se como espaço de produção de conhecimento no contexto da hipermidiatização. Partindo das discussões sobre midiatização e circulação de sentidos, o estudo investiga de que forma narrativas sobre masculinidades negras e afetividade tensionam estigmas históricos associados ao homem negro, tradicionalmente marcado por processos de desumanização.

2 Identidade, representação e masculinidades negras

Frantz Fanon (1952) observa que o primeiro olhar que nos chega, é um olhar de desumanização, que nos põe à margem da sociedade e animaliza nossos corpos, revelando como o homem negro é reduzido à sua condição racial antes de ser reconhecido como humano. Essa leitura ainda é sustentada por estereótipos de violência e insensibilidade associados à masculinidade negra.

Para romper essas narrativas cristalizadas, é necessário compreender a identidade como processo dinâmico e histórico. Para Stuart Hall (p. 13, 2003) a identidade é "formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais". Nesse sentido, o rap surge como espaço de enunciação, hipermidiatização, produção de sentido e reencantamento, onde sujeitos historicamente marginalizados constroem contra-narrativas sobre si mesmos.

A obra de Baco Exu do Blues, especialmente no álbum *QVVJFA*, é um exemplo potente dessa disputa simbólica, circulando em plataformas e redes digitais. Ao falar de amor, dor e desejo, o artista inscreve o homem negro em um lugar discursivo que

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

historicamente lhe foi negado: o da sensibilidade. Bell Hooks (2000) sustenta que o amor é um ato de resistência, pois desafia estruturas de dominação que se alimentam do silenciamento emocional. A afetividade, portanto, não é apenas uma dimensão subjetiva, mas um gesto político.

Essas disputas ganham força quando articuladas às reflexões de Archille Mbembe (2017), que denuncia como regimes de poder definem quais os corpos podem viver plenamente e quais permanecem presos à morte simbólica.

Como observa Cabral (2021), “nós homens negros, precisamos de afeto”, evidenciando a necessidade de repensar as redes de apoio e as formas de cuidado entre sujeitos negros. Nesse sentido, a pesquisa contribui para os debates sobre subjetividade, emoções, relações raciais e de gênero, ao compreender o rap como prática cultural interseccional e campo de resistência simbólica. Nesse sentido, que ao tensionar narrativas hegemônicas, o artista desloca o homem negro de um lugar de desumanização para um campo de reconhecimento afetivo.

.

Partindo da ideia de que a midiatização (Sodré, 2002), é um processo estruturante das relações sociais contemporâneas, ela não se restringe à presença dos meios de comunicação, mas está ligado às lógicas do capital e da tecnologia. Nesse contexto, a circulação torna-se central. Para Antônio Fausto Neto (2018), a circulação não pode ser entendida como uma simples etapa de transmissão e recepção, mas como um espaço de produção de sentido, onde diferentes atores, dispositivos e linguagens interagem

3 Metodologia

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A análise seguirá uma perspectiva interdisciplinar, dialogando entre comunicação, sociologia e estudos culturais, de modo a compreender a música como prática discursiva e campo de disputa simbólica. O método de análise será o hermenêutico-interpretativo, buscando decifrar os sentidos produzidos no álbum e relacioná-los às construções sociais que envolvem o homem negro.

A escolha por uma abordagem qualitativa deve-se ao fato de que a investigação não busca medir fenômenos, mas compreender significados e subjetividades. A música, enquanto manifestação cultural, será tratada como documento social e político, capaz de revelar tanto experiências individuais quanto coletivas. Desse modo, o rap é tomado não apenas como expressão artística, mas como campo de produção de conhecimento, resistência e afeto.

4 Análise e discussão

Ao enunciar a vulnerabilidade afetiva, Baco rompe com a imagem animalizada para com os homens negros como podemos ver no trecho retirado da música lágrimas. “É que me ensinaram a não ter medo de bater, de apanhar, ser baleado ou atirar. O perigo mora em minha memória, Cássia, eu sou poeta, mas não aprendi a amar.” (EXU DO BLUES, 2022)

Ao afirmar que “É que me ensinaram a não ter medo de bater” (EXU do BLUES, 2022), o eu lírico explicita um processo de socialização marcado pela violência, ao mesmo tempo que revela uma ausência de afeto. Essa construção indica, que o ambiente onde ele cresceu era violento e não tinha espaço para o amor ou demonstrações de sensibilidade como o choro. Essa tensão evidencia o que Fanon descreve como desumanização do sujeito negro, deslocando-o para uma posição de sensibilidade para um lugar de agressividade. Ao reinscrever o afeto como ausência e

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

um desejo, o rap funciona como um espaço de reconfiguração simbólica da masculinidade negra.

Baco Exu do Blues reinscreve o homem negro como um sujeito afetivo e desejante, rompendo com a necropolítica que o enquadra como corpo descartável e distante de traços de afetividade e sensibilidade. Como aponta a oitava música autoestima, “foram vinte e cinco anos pra eu me achar lindo, sempre tive o mesmo rosto, a moda que mudou de gosto, e agora querem que eu entenda, seu afeto repentino”. (EXU DO BLUES, 2022). Sendo assim, o que entendemos é que o trecho evidencia uma reconfiguração do olhar social do eu lírico, em que o reconhecimento estético e afetivo do homem negro surge tardiamente e de forma condicionada, a partir do rompimento de uma estética padrão estabelecida pela branquitude.

“Cantando sobre o que acontece vejo que poucos mudaram, quantas vezes você já foi amado? Cantar sobre amar talvez seja mais revolucionário”. (EXU DO BLUES, 2022). Assim, o rap de Baco Exu do Blues, ao circular em ambientes hipermidiatizados, tensiona representações historicamente cristalizadas sobre o homem negro e reinscreve a afetividade como dimensão central das masculinidades negras contemporâneas. Nesse sentido, o estudo evidencia o rap como um espaço de produção de reencantamento simbólico.

5 Conclusão

A partir das análises desenvolvidas, foi possível atingir o objetivo principal desse estudo, que foi compreender como o rap, em contexto de hipermidiatização, tensiona representações historicamente cristalizadas sobre o homem negro. Tendo como objeto de análise o álbum Quantas Vezes Você Já Foi Amado? De Baco Exu do Blues, é possível compreender como o rap opera como um espaço de significação e de disputa

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

simbólica de narrativas que atravessam vivências e corpos dissidentes como os de homens negros.

Dessa maneira, a pesquisa evidenciou que a reflexão sobre afetividade está longe de ser apenas uma dimensão subjetiva. Através dos apontamentos de Frantz Fanon, Stuart Hall, Bell Hooks e Achille Mbembe vimos que as reflexões sobre afeto operam como uma prática política e gesto de resiliência. Além disso, o rap se apresentou como campo de disputa simbólica onde novas formas de existência e reconhecimento são produzidas.

Como próximos passos desta pesquisa, poderiam ocorrer análises comparativas com outros cantores negros do rap nacional como Djonga, Rico Dalasam e BK, mais especificamente os álbums *Inocente "Demotape"*, *Dolores Dala Guardião do Alívio e Diamantes, Lágrimas e Rostos para Esquecer,* que abordam a temática sentimental e afetiva de homens negros.

Por fim, a pesquisa contribuiu para reflexões do campo dos estudos culturais e comunicacionais, bem como novas análises sobre a obra do artista em questão. Uma vez que, as produções acadêmicas dedicadas à obra de Baco Exu do Blues, ainda são escassas e, quando existem, majoritariamente se debruçam sobre o álbum *Bluesman* (2018).

Ao considerar dinâmicas de midiatização e circulação de sentidos, as narrativas trazidas por Baco Exu do Blues em suas músicas, não se restringem ao campo artístico, mas se popularizam nas plataformas digitais, o que amplia o impacto social. Sendo assim, o rap atua como uma linguagem de reencantamento, possibilitando o surgimento de outras narrativas sobre ser homem negro no Brasil.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Referências

CABRAL, Gabriel. Por que homens negros estão conversando sobre Masculinidades?. Negrê, 31 de ago de 2020. Disponível em < https://negre.com.br/por-que-homens-negros-estao-conversando-sobre-masculinidades/ > Acesso em: 09/04/2023.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem negro, negro homem: masculinidades e feminismo negro em debate. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 73-97, janeiro-abril de 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3sWZw2M >Acesso em 09 de abril de 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. University of Chicago Legal Forum, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

EXU DO BLUES, Baco. *Quantas vezes você já foi amado?* [álbum]. [S.l.]: [s.n.], 2022.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. Nos limites da mediação: "Que Brasil você quer para o futuro?", "Quero o Brasil do presente". In: 27º Encontro Anual da Compós, 2018, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: PUC-MG, 2018. v. 1. p. 1-12.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOOKS, bell. *All about love: new visions*. New York: William Morrow, 2000.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Antígona. (2017).

SOARES, Emerson Luiz Lacerda. Enfrentamentos de raça e sexualidade nas narrativas de Dolores Dala Guardião do Alívio (DDGA), de Rico Dalasam. 2022.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83 de 2021